

Em defesa do jornalismo

O sr. Raul Proença e o seu soberano desprezo pelos que na imprensa trabalham



ANDA o sr. Raul Proença empenhado numa campanha de imprensa, que visa, parece, a repurificar o regime republicano. Lamentável é que essa campanha seja dirigida só contra um político, quando o deveria ser contra *todos*, pois *todos* são maus ou imbecis, ou ainda as duas coisas juntas. O sr. Raul Proença lá sabe, porém, o plano a que obedecem os seus ataques e de-certo a preferência é uma questão de método.

O certo é que o panfletário, ou seja porque nos altos cimos a onde se libra, para arrancar o raio a Júpiter, o ataca a vertigem das grandezas, ou porque no pântano a onde desce e para procurar os réprobos, o entontecem os miasmas pestilentos que deles se exalam — nos aparece padecendo da doença dos tiranos — que tanto parece detestar — a hipertrofia do eu. E clama e protesta:

— ¡Honesto?! ¡Só eu! ¡Liberal?! ¡Só eu! ¡Jornalista?! ¡Só eu!

Até aqui, iamos bem, que "presunção e água benta cada um toma a que quere" e — já que estamos em maré de brocados — "cada doído tem sua mania..."

O sr. Raul Proença permite-se, porém, levar mais longe o delirante culto da sua personalidade e confessa, simplesmente, que é o "primeiro jornalista da república". Aceitemos ainda; se "os povos têm os governos que merecem", os regimes têm os panegeristas de que são dignos. E entre o sr. Raul Proença e o sr. Mayer Garçon, ambos "primeiros jornalistas da república", venha o diabo e escôlha.

Não foi, contudo, a megalomania do sr. Raul Proença o que nos levou a pegar na pena para traçar estas mal notadas regras. Não foi também o seu ardente zêlo cívico que tende a repurgar a sua querida República de algumas ovelhas ronzosas.

O caso é outro. Nos seus acessos de delírio patriótico e republicano, o sr. Raul Proença

nuara dependente da amarra, que a mão de Deus não soltou mais!

Por fim, verminando-se as carnes, verminaram-se também as regiões pendentes que, alargando-se às outras, conduziram à morte a dama em causa.

Isto encontrei, senhora, nos livros de edificação e exemplo que eu compulso e medito. E esses livros, mulher, são o verbo de Deus, a cuja voz e mando todos os sons se apagam, tôdas as vontades obedecem.

Porisso, agora, ó piedosa, ó galante senhora, enxugue as lágrimas e vá, com a divina graça, que eu cá fico pedindo que ela convosco seja sempre, como sempre tem sido a febre que a arrasta nesse frenesim de deslocação que a faz estar em tôda a parte onde haja catequeses, confissões, sacristias, escândalos, batinas, aconselhando e praticando aquelas coisas que, como se diz e eu creio, denotam grande zêlo, mas que nem sempre afirmam a virtude, como também nem sempre cheiram a santidade!

Coimbra, 30-3-926.

TOMÁS DA FONSECA

profere alguns disparates que merecem correcção. Assim, do alto do seu soberano desdém, considera os jornalistas que exercem a sua actividade na imprensa diária, senão em tôda pelo menos naqueles jornais que estão enfeudados a determinadas oligarquias, como miseráveis que vendem a sua pena, que alugam o seu pensamento aos caprichos dos donos.

Para o sr. Raul Proença, um dos títulos de que mais se orgulha é o de ser efectivamente o "primeiro jornalista do regime" e trabalhar de graça, não receber um ceutil pelas páginas e páginas de macissa prosa com que se narcisa na *Seara Nova*. E conclui daí que quantos recebem remuneração pelo trabalho jornalístico são indignos de empunhar uma pena e traidores — talvez — à República...

A estes dislates, que seriam verdadeiros agravos a uma classe inteira, se o sr. Raul Proença não sofresse daquela "hipertrofia do eu" que tudo desculpa, como fenómeno patológico que é, não vimos ainda que se tivesse feito na imprensa a necessária análise. Isto, porque o princípio, repetido, amanhã será dogma e todos nós, os que trabalhamos na imprensa, teremos por desonroso ir à caixa receber os nossos salários.

O silêncio feito à volta dos estranhos conceitos do sr. Raul Proença pode filiar-se no medo ou no desprezo.

Ora nós não desprezamos esse panfletário, que é um activo trabalhador intelectual, que é — *bon gré, mal gré* — um camarada, que trabalha como nós numa oficina, que produz, que é útil à colectividade.

Também não temos medo do sr. Raul Proença. E não o tememos, primeiro porque não possuímos "rabos de palha"; segundo, porque se o sr. Raul Proença tem má-língua, também nós temos, e se sabe enfileirar as palavras que ferem como punhais e sibilam como chicotadas, também nós sabemos.

Não teremos a sua erudição nem a sua sólida e contundente maneira de argumentar; mas temos a fácil coragem de chamar as coisas pelos seus nomes e uma vasta reserva de boas falas plebeas para atirar ao parceiro.

Ora o sr. Raul Proença, jactando-se de "primeiro jornalista da república", tem da mecânica jornalística um conceito muito primário. Ignora por exemplo que quem menos escreve nos jornais são os jornalistas, e isso é imperdoável. A sua encantadora ingenuidade vai a ponto de supor, por exemplo, que os sólidos artigos de fundo, sobre "a questão dos tabacos" — para não irmos mais longe — são escritos por jornalistas... Não são tal, sr. Raul Proença; são escritos por uns senhores que têm interesses em que fique o monopólio ou venha a *regie* e que, consoante os casos, ganharão muitos dinheiros com qualquer das soluções.

Crê o sr. Raul Proença que as louvaminhas à madama que escreveu uma *plaque* — i que fino! — com versos para o seu amor, ou ao venerando académico que forrageou os documentos para uma monografia sobre a Torre do Bugio, são da lavra dos jornalistas. E nessa crença erra, porque os ditos louvores são devidos à pena fecunda do próprio escritor louvado, ou à do seu amigo mais íntimo.

O sr. Raul Proença, como qualquer farmacêutico aí do sertão, acredita que jornalistas são pelo menos os directores de jornais, responsáveis, portanto, por tudo que neles se escreve. Pois nem são responsáveis nem são

jornalistas. ¿Quere o sr. Raul Proença sabe uma coisa muito à puridade? Dos catorze ou quinze diários — porque um é intermitente — que actualmente se publicam em Lisboa, só quatro ou cinco é que são dirigidos por jornalistas. Os outros, dirigem-nos *êles*.

Isto quanto ao que se escreve nos jornais. Vamos agora à paga, para terminar.

O sr. Raul Proença é injusto considerando um crime receber o jornalista remuneração pelo trabalho que produz. Nem todos podem ser empregados do Estado, sr. Raul Proença, e se alguns o são já não chegaram a tempo de apanhar as boas postas. Se fôsem, ou sendo-o as tivessem apanhado, seria delicioso ter a manança assegurada e nas horas vagas escrever, de graça, campanhas moralizadoras. Mas não sucede assim, infelizmente. Há que trabalhar em dois ou três jornais ou em dois ou três officios para receber aquilo que um "bom republicano", alto funcionário do Estado, recebe do seu cargo, mesmo às vezes sem lá ir sequer. A vida é dura para os pobres, sr. Raul Proença.

Mas tanta altivez, tanta independência, tanta sinceridade temos nós ao escrever este artigo pago, como o sr. Raul Proença a dizer sandices de borla.

J. B.

Falemos do amigo... travesseiro:

Para uns abre o céu manhã de flores... — diz-nos um conhecido poeta — para outros, o armário sem pão, o leito sem enxerga...

Sendo tão grandes e monstruosamente iníquas, as desigualdades sociais, mui diversas são as significações da palavra travesseiro...

Sendo o repouso e o sono uma necessidade absoluta para o vivente humano, todos precisamos ter qualquer coisa, miserável que seja, que nos sirva de leito e de travesseiro. — Há quem durma em fôfas camas com colchões de sumatima... Há quem durma sentado numa pedra, ou deitado no chão, em suma... nenhuma... à luz das estrelas!

Confortável ou não, o travesseiro é tão necessário que sem êle não se poderia viver...

Mas não é só à vida orgânica que o travesseiro é indispensável, êle é também o nosso melhor conselheiro... Nada de importante deveríamos fazer sem o *consultarmos* em última instância!

Sem negar a grande utilidade que pode haver em trocar impressões, sobre qualquer assunto, com várias pessoas que nos mereçam estima e confiança, não podemos deixar de reconhecer que a reflexão e a meditação são muito necessárias e que o nosso *conselho* é o melhor!

Consultemos pois o travesseiro, porque nenhuma idea é boa senão quando seja nossa ou a tenhamos, por assim dizer, assimilado à nossa maneira de ver. — Nada de actuarmos sem sabermos o que queremos, movidos como bonecos inconscientes ao sabor doutros indivíduos, por muito bons que êles sejam... — ABILOS

